

I ENCONTRO NACIONAL DE TEORIA CRÍTICA E PSICANÁLISE

5, 6 E 7 DE
DEZEMBRO/2018

UFCA - JUAZEIRO DO NORTE



ORGANIZADORES

Patrick de Oliveira Almeida

Ilana Viana do Amaral

Caciana Linhares Pereira

I ENCONTRO NACIONAL DE TEORIA CRÍTICA E PSICANÁLISE

Universidade Federal do Cariri

Juazeiro do Norte-CE

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Cariri
Sistema de Bibliotecas

U58e Universidade Federal do Cariri (2013-).
I Encontro Nacional de Teoria Crítica e Psicanálise/ Universidade Federal do Cariri – UFCA; Grupo Lakan i Alice (UFCA); Grupo de Teoria Crítica do Espetáculo e Psicanálise (UECE); Grupo de Teoria Crítica e Psicanálise (UNILAB- CE) Laboratório de Psicanálise (UFC). Organizadores: Patrick de Oliveira Almeida; Ilana Viana do Amaral; Caciana Linhares Pereira; Diagramação: Lázaro Almeida Galvão; Normalização: Ana Paula Lucio Pinheiro; Revisão Final: Natália Brito Bessa – Juazeiro do Norte, CE: UFCA, 2019.

E-pub. 36 p.
(Caderno de Resumos).

ISBN: 978-85-67915-44-9

Universidade Federal do Cariri, Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação, Juazeiro do Norte, 2019.

1. Psicanálise. 2. Sociologia. 3. Filosofia. I. Almeida, Patrick de Oliveira. II. Amaral, Ilana Viana do. III. Pereira, Caciana Linhares. IV. Título.

CDD 150.195

Bibliotecário: João Bosco Dumont do Nascimento – CRB 3/1355

ORGANIZADORES

Patrick de Oliveira Almeida (UFC)

Ilana Viana do Amaral (UECE)

Caciana Linhares Pereira (UFC)

Álvaro Lins Monteiro Maia (UECE)

Adolfo Pereira de Souza Junior (UNILAB)

COMITÊ CIENTÍFICO

João Emiliano Fortaleza de Aquino (UECE)

Francisco Luciano Teixeira Filho (UECE)

Regiane Lorenzetti Collares (UFCA)

Ivânio Lopes de Azevedo Júnior (UFCA)

Reginaldo Oliveira Silva (UFCG)

Rita de Cássia Lucena Velloso (UFMG)

DIAGRAMAÇÃO

Lázaro Almeida Galvão

NORMALIZAÇÃO

Ana Paula Lucio Pinheiro

REVISÃO FINAL

Natália Brito Bessa

REALIZAÇÃO

Grupo Lakan i Alice (UFCA)

Grupo de Teoria Crítica do Espetáculo e Psicanálise (UECE)

Grupo de Teoria Crítica e Psicanálise (UNILAB-CE)

Laboratório de Psicanálise (UFC)

SUMÁRIO

A DESCARACTERIZAÇÃO EUFÊMICA DA LEXIA “NEGRINHO” E A PASSAGEM DA POLIDEZ PARA A IMPOLIDEZ LINGUÍSTICA.....	8
A EXPERIÊNCIA COM A INJUNÇÃO PUBLICITÁRIA NOS ALIMENTOS INDUSTRIAIS: CONSUMO, CONTROLE SOCIAL E EXPIAÇÃO DE CULPA	9
PULSÃO E TEMPORALIDADE NA FORMAÇÃO DA CULTURA	10
CAMUNDONGO MICKEY E O PSEUDO ESPAÇO DE LIBERDADE EM WALTER BENJAMIN.....	11
SUJEITO, LINGUAGEM E GOZO NA PSICOSE: DES-ENLAÇADOS CONTORNOS	12
APONTAMENTOS SOBRE O OBJETO E A FANTASIA NA PERVERSÃO.....	13
ENTRE A TEORIA E A PRÁXIS COTIDIANA: REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO DO COLETIVO CAMARADAS NA COMUNIDADE DO GESSO (CRATO-CE)	14
CIÚME SOB A ÓTICA DA PSICANÁLISE.....	15
PANACEIAS COLAPSADAS: A CRÍTICA DE MAX HORKHEIMER AO CONCEITO DE VERDADE PRAGMÁTICA DEFENDIDA POR WILLIAM JAMES.....	16
O DESAPARECIMENTO DA AURA EM WALTER BENJAMIN	17
MADAME SATÃ: UMA DIREÇÃO DE RESISTÊNCIA.....	18
CARAVAGGIO E O CORTE NA CARNE DO TEMPO	19
CINEMA E PSICANÁLISE: CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMPO E A MEMÓRIA	20
MATA-SE UMA MULHER: A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA REGIÃO DO CARIRI.....	21
PSICANÁLISE E CINEMA: APROXIMAÇÕES DO CONCEITO DE FANTASIA E A REPRODUTIBILIDADE CINEMATOGRAFICA SOB A ÓTICA BENJAMINIANA	22
A NORMA DO MACHO NA POLÍTICA BRASILEIRA	23
QUEM SERÁ SEU SENHOR?.....	24
UM CORPO FALADO: CONSIDERAÇÕES SOBRE CORPO E TRANSEXUALIDADE A PARTIR DA EXPERIÊNCIA CLÍNICA EM UM AMBULATÓRIO DE SEXUALIDADE HUMANA (ATASH)	25
A PSICANÁLISE E A CRIANÇA	26
REMEMORAR PARA REDIMIR: A ATUALIDADE DE WALTER BENJAMIN NO TRANSFORMAR DO LUTO EM LUTA	27
DISCURSO NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO	28

PROSA COM LACAN: O GRANDE FREUDIANO E O INCONSCIENTE ARRETADO	29
A VEDETE DO ESPETÁCULO E O SEU PÚBLICO: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A ESTRUTURA DESTA RELAÇÃO NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO.....	30
TOTENS E TABUS NA CONTEMPORANEIDADE	31
O TRABALHADOR ENQUANTO MOI E SUA FUNÇÃO IMAGINÁRIA ESTRUTURANTE DO CAPITALISMO ESPETACULAR.....	32
“NO PRINCÍPIO ERA A AÇÃO”: TOTALIZAÇÃO E FALHA DE LACAN A MARX	33
MIMESIS: ENTRE MORAL E POLÍTICA EM THEODOR ADORNO	34
“O ESTILO DA NEGAÇÃO”, POESIA E REVOLUÇÃO: DE UM LAÇO QUE NÃO FOSSE ESTADO. (OU AINDA: DEBORD COM LACAN)	35

**I ENCONTRO NACIONAL DE
TEORIA CRÍTICA
& PSICANÁLISE**



CADERNO DE **RESUMOS**



A DESCARACTERIZAÇÃO EUFÊMICA DA LEXIA “NEGRINHO” E A PASSAGEM DA POLIDEZ PARA A IMPOLIDEZ LINGUÍSTICA

Ana Joelma Martins Alves-UNILAB

Na literatura, o eufemismo é considerado como uma figura de linguagem que se propõe a minimizar o “peso” do sentido das palavras. Cientes de que a linguagem em uso obedece a regras sociais e que, por isso, muitas das palavras têm caráter polissêmico, neste artigo, buscamos analisar a descaracterização eufêmica da lexia “negrinho”, considerando que essa descaracterização transgride o paradigma polido adotado na sociedade. Nossa pesquisa baseou-se numa revisão teórica sobre temas como o tabu, o eufemismo, o racismo e a (im) polidez linguística. Nossa metodologia foi dividida em duas etapas, a primeira bibliográfica e a segunda exploratória e descritiva da expressão “negrinho” e suas variantes (neguinho (a)). Para atingir nosso objetivo foi preciso adotar uma abordagem interdisciplinar, para que pudéssemos entender o fenômeno. Observamos que alguns fatores são cruciais para determinar se há ou não descaracterização eufêmica de “negrinho”, são eles: o contexto, o grupo, o lugar de fala ocupado pelo falante e pelo sujeito nomeado, sua raça, o poder e a intimidade que ele tem com aquele ao qual se dirige por “negrinho”. Dependendo da associação desses fatores, podemos compreender que a palavra “negrinho”, uma expressão de afetividade, pode ser portadora de conteúdo racista e, portanto, impolido, descaracterizando assim o eufemismo.

Palavras-chave: Eufemismo. Polidez. Impolidez.



A EXPERIÊNCIA COM A INJUNÇÃO PUBLICITÁRIA NOS ALIMENTOS INDUSTRIAIS: CONSUMO, CONTROLE SOCIAL E EXPIAÇÃO DE CULPA

Maria Janiele da Silva Queiroz-UNILAB

Utilizando-se de uma perspectiva metodológica interdisciplinar que aproximam o pensamento psicanalítico e a teoria crítica da cultura, essa pesquisa se propõe a pensar a relação entre a técnica publicitária e a experiência contemporânea do consumismo. As campanhas publicitárias são usadas pelos empreendedores para divulgar seus produtos e marcas e, acima de tudo, para estimular o consumismo e manter o mercado em expansão. Dessa forma, tudo é transformado em mercadoria: habitação, alimentação, vestuário, beleza, conhecimento, religião etc. Elas são postas para os consumidores como a respostas para todas as suas aflições, podendo dar significados às suas vidas, pois componente da felicidade. Marx chamou de “fetichismo da mercadoria” esse efeito que produz um ato de comprar para além da necessidade consciente. Embora seja alvo de muitas críticas, este fenômeno se consolida e se reproduz, inclusive pelos seus críticos. Através da estrutura de linguagem, percebemos elementos dessa injunção ao consumismo. A linguagem é o componente de maior importância na vida em sociedade e individual e, ainda, fator pelo qual compreendemos o mundo, expressamos e constituímos nossa subjetividade. O inconsciente se estrutura como uma linguagem, o que nos leva a crer que seja também o método que aliena o ato de comprar. Através de uma pesquisa exploratória buscamos compreender como as propagandas atuam na manutenção e reprodução do capitalismo e no controle das subjetividades. No caso específico da indústria alimentícia, vemos funcionar um mecanismo substitutivo onde o mais supérfluo apresenta-se sob as insígnias saúde e bem-estar, deixando o consumo massivo e pautado numa ética baseada na expiação da culpa.

Palavras-chave: Consumismo. Culpa. Alimentos. Capitalismo. Mercadoria.



PULSÃO E TEMPORALIDADE NA FORMAÇÃO DA CULTURA

Ruth Arielle Nascimento Viana - Seção Corpo Freudiano e UFC

Este trabalho se inscreve num contexto de problematização sobre o estatuto da transmissão em Psicanálise, tema que se relaciona com o modo como esta teoriza a cultura. Para isto, coloca-se em jogo categorias da Psicanálise, como a pulsão e o tempo. O tratamento que a Psicanálise conferiu ao problema da memória promoveu, no século XX, um modo de pensar o tempo a partir da inclusão do inconsciente que reverberou em campos diversos como o da História. Em sentido inverso, a Psicanálise também sofreu os efeitos das transformações que abalaram noções como a de historicidade. Considerando a insistência de Jaques Lacan em sustentar o que estaria no cerne das proposições freudianas sobre a cultura, esta pesquisa se propõe a abordar, no contexto da discussão sobre a transmissão, o estatuto do tempo. Queremos pensar aqui, então, sobre estes dois termos em sua relação com as proposições psicanalíticas sobre o advento à cultura, considerando, no cerne destas proposições, a problemática do transmissível e do intransmissível. Nesse ínterim, temos o lugar da pulsão mobilizando um novo modo de compreender a temporalidade, no “só-depois” do saber inconsciente que considera, primordialmente, a dimensão do “trauma”. É aqui que este trabalho reflete sobre uma nova concepção de tempo presente na psicanálise que marca outro modo de compreender a historicidade humana, assim como os desdobramentos que essa questão pode trazer para a problemática da transmissão – da cultura e da psicanálise.

Palavras-chave: Pulsão. Tempo. Cultura. Transmissão. Psicanálise.



CAMUNDONGO MICKEY E O PSEUDO ESPAÇO DE LIBERDADE EM WALTER BENJAMIN

Cicera Lima de Araújo-UFCA

O presente texto tem como objetivo analisar a repercussão em seus efeitos imaginarizantes do “princípio” Camundongo Mickey, apresentado por Benjamin no texto *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, explicitando suas tendências psicotizantes e alienantes para com as massas. A nova manipulação de imagens e suas consequências, no tocante à privatização do mundo desperto, atuam em prol da criação de um imaginário do campo social, atingindo o sujeito na dimensão inconsciente, influenciando, deste modo, direta e indiretamente o modo como os indivíduos representam a si mesmo e o mundo, criando efeitos práticos também no campo das relações objetivas que os mesmos estabelecem entre si e com o mundo.

Palavras-chave: Camundongo Mickey. Manipulação. Inconsciente.



SUJEITO, LINGUAGEM E GOZO NA PSICOSE: DES-ENLAÇADOS CONTORNOS

Alexandre Heverton Maia Lima-UFCA

No campo psicanalítico, a produção do objeto de arte pelos sujeitos psicóticos encontra um impasse demarcado pelo conceito de sublimação, destino pulsional tributário à estrutura neurótica. Diante dessa questão, a pesquisa de iniciação científica “Corpo, arte e sublimação: criação e laço social na psicose”, vinculada ao Laboratório de Psicanálise da UFC, busca estudar as condições que possibilitam a produção do objeto artístico nessa estrutura. De partida, na consecução deste empreendimento, as basilares noções de sujeito, Outro e laço social foram articuladas a de gozo, através de sua particular conjugação na apresentação da loucura. O psicótico, ser falante, estabelece uma relação outra e própria com a ordem simbólica e significante, que, não-inscrita pelo Nome-do-Pai que lança o sujeito na significação fálica da linguagem, encontra distintas vias articulatórias em cada tempo de sua organização. No surto, o sujeito se apaga, tornando-se alvo do gozo terrificante de um Outro imperativo que o toma como depósito de palavras que assumem o estatuto de Coisa, face real do objeto não extraído e ao qual o psicótico continua enredado. Na estabilização, há a tentativa de reconstrução do seu mundo, lançando-se mão de variados recursos, dentre os quais: a adesão imaginária a uma cadeia significante e a um discurso; a construção de uma metáfora delirante; a fabricação de uma obra, que operam como mecanismos artificiais de enlaçamento à cultura e de suplência ao furo real que rasga o simbólico. Nessa esteira, o estudo dos discursos, especialmente o do mestre – na aproximação ensaiada entre a criação psicótica e o trabalho do escravo implicado neste discurso – ofereceu fecundas condições de interface, que deverão ser aprofundadas no decurso da referida pesquisa, entre o trabalho regulador de gozo produzido pelo psicótico e o saber e a verdade dos quais ele possa ser portador enquanto sujeito fragilmente des-enlaçado no discurso.

Palavras-chave: Psicanálise. Psicose. Laço social. Criação.



APONTAMENTOS SOBRE O OBJETO E A FANTASIA NA PERVERSÃO

Priscilla Hadassa Rabelo Gomes-UFC

Investigamos as formulações empreendidas por Lacan no seminário IV, A Relação de Objeto, sobre o objeto no fetiche e na fobia, visando apreender de que forma a perversão comparece neste momento de seu ensino, o que implicou estabelecer o estatuto do objeto na perversão. O fetiche é articulado em sua relação com o amor: fetiche e amor estruturam-se a partir do recobrimento de um lugar vazio, questão já aberta por Freud quando interroga o estatuto do objeto na idealização. Neste ponto, a operação fetichista comparece como impasse, e propulsora de avanços, frente às formulações sobre a idealização e o amor. Nossa investigação permitiu isolar que se no amor há uma dimensão passível de troca, no fetiche o objeto eleito está aquém de qualquer partilha. A leitura que Lacan faz entre 1956-57, elucida, de um modo muito particular, o estatuto do objeto fetiche como objeto metonímico. Finalmente, a fantasia comparece na perversão através do polo pulsional e na neurose, do amor. Sendo a fantasia articuladora de certa ilusão de completude diante da impossibilidade do encontro sexual, o perverso, estando no polo do gozo, repele forçadamente a intersubjetividade amorosa.

Palavras-chave: Psicanálise. Perversão. Fetiche. Objeto. Fantasia.



ENTRE A TEORIA E A PRÁXIS COTIDIANA: REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO DO COLETIVO CAMARADAS NA COMUNIDADE DO GESSO (CRATO-CE)

Marta Regina da Silva Amorim-UFCA

Este trabalho tem o objetivo de discutir o fazer artístico do Coletivo Camaradas na Comunidade do Gesso (Crato-CE), através da teoria marxista e da arte política apresentada por Walter Benjamin em seu texto: A Obra de Arte na Era da sua Reprodutibilidade Técnica. A Comunidade do Gesso está localizada na cidade do Crato, Região Sul do estado do Ceará. Entre as décadas de 1940 e 1970 essa área abrigou um dos maiores centros de prostituição do interior nordestino. Com o declínio dessas casas de prostituição, esta área passou a ser conhecida como local de tráfico de drogas e violência. Em 2007, foi criado o Coletivo Camaradas, tendo como objetivo contribuir para uma mudança social nesse local, através de uma consciência de classe, utilizando a arte como meio para isto. Este Coletivo propõe-se um fazer artístico em que o povo não precise estar apenas como público, mas tenha a possibilidade de também participar do processo artístico e/ou interventivo. Segundo Walter Benjamin, a arte também passou por mudanças significativas havendo uma aproximação entre indivíduo e obra. A tradição da originalidade, da autenticidade e da aura da arte foram deixadas em segundo plano ou mesmo excluídas do fazer artístico. A arte saiu das galerias passando a estar presente na vida e no cotidiano das pessoas. O fazer artístico do Coletivo Camaradas busca justamente uma aproximação entre a arte e o povo. Acreditamos que este trabalho possa levantar reflexões entre a teoria e a práxis marxista através do fazer artístico cotidiano.

Palavras-chave: Coletivo. Arte Urbana. Cidade.



CIÚME SOB A ÓTICA DA PSICANÁLISE

Raquel Lopes Rodrigues-UFCA

Aline Siqueira de Oliveira-UFCA

Neste texto dissertaremos sobre a questão do ciúme a partir do ponto de vista da psicanálise, especialmente a partir das teorias freudianas. Ao longo do texto perceberemos que o ciúme é parte constitutiva do ser humano, fazendo parte de todos, pois ele e seus mecanismos são formados ainda na infância, em situação comum a todos, embora possa ter diferentes desfechos. A partir das observações de Freud se pode supor que o ciúme tenha início ainda nos primeiros anos da infância. Nas primeiras fases do seu desenvolvimento a criança se vê como único objeto de desejo da mãe. Sendo a mãe seu primeiro objeto de afeto, que lhe proporciona a satisfação de suas necessidades físicas e emocionais. No entanto, a criança irá perceber que não é o único objeto de desejo da mãe, pois existe um outro, que pode ser primeiramente o pai e também tudo aquilo que a mãe deseje além da criança. Esse processo pode ser a razão da manifestação do ciúme, pois segundo Freud, o ciúme normal é um estado emocional que pode ser comparado ao luto, caracterizando-se pelo sofrimento de perder o objeto amado; pela ferida narcísica e também de sentimento de inimizade contra o rival bem sucedido. O ciúme é dividido em: 1) ciúme normal; relacionado à observação anterior de Freud; 2) ciúme projetado; pode ser entendido como o desejo do indivíduo de trair, mas que é negado pelo seu super ego, e projetado no outro, que ele então acusa de traição e, por último, 3) o ciúme delirante; também relacionado à repreensão do desejo de trair, mas nesse caso com alguém do mesmo sexo, e a pessoa projeta no seu companheiro, o desejo por essa pessoa que ele mesmo deseja. O ciúme inicia-se nas primeiras fases da infância, a partir do seu relacionamento com seu primeiro objeto de amor, no caso a mãe, e isso será mais tarde projetado nas suas relações afetivas e relacionamentos íntimos.

Palavras-chave: Psicanálise. Ciúme. Projeção.



PANACEIAS COLAPSADAS: A CRÍTICA DE MAX HORKHEIMER AO CONCEITO DE VERDADE PRAGMÁTICA DEFENDIDA POR WILLIAM JAMES

Kaio Martins Gomes-UFCA

O presente texto busca estudar e explicar algumas das críticas do filósofo alemão Max Horkheimer (1895 – 1973) ao conceito de Verdade da corrente pragmatista, apresentado na obra Pragmatismo pelo pensador estadunidense William James (1842 – 1910). Tentaremos, assim, apontar as análises do filósofo alemão como sendo formas de expor falhas no sistema pragmático que diminuem a “ideia de homem”, ou seja, avaliando a ascensão cada vez maior da Razão Subjetiva no Ocidente. Horkheimer mostrará que tais conceitos baseados em fórmulas interventoras ou formais, contribuiriam para uma desumanização, uma vez que tirariam o foco de apreensão do Ser Humano e colocariam em métodos de assimilação e validação. A Verdade pragmática seria, assim, nada mais do que um meio instrumental de captação e um auxílio às ações práticas, ou seja, recusaria uma forma que transformasse a verdade em um fim em si mesma, como ideário filosófico. Assim, observamos, em James, um constante apelo aos princípios Utilitários, uma vez que o autor descreve as ideias verdadeiras como tendo valores úteis aos objetos de satisfação de quem as apreende. Por outro lado, a crítica de Horkheimer mostra que tais princípios são ingênuos e superficiais, principalmente por migrarem o poder de captação da Realidade, tirando da Razão Objetiva as formas de descrição e pondo na Razão Subjetiva, que transforma o pensamento em simples atividade instrumental. A análise acontece pautando as características de cada uma das Razões e as falhas que transformam a Razão Subjetiva num princípio de declínio do Ser Humano. Para embasar nossa pesquisa, nos baseamos em passagens da obra Eclipse da Razão, de Max Horkheimer, em produções acadêmicas e em artigos que versam sobre as concepções do pensador alemão acerca das teorias Pragmáticas. Tentaremos confrontar, assim, a ideia contida nas críticas de Horkheimer com passagens da obra Pragmatismo, de William James, avaliando, principalmente, a sexta conferência, intitulada “Concepção da Verdade no Pragmatismo”, onde, com isso, pretendemos mostrar em quais pontos as teorias divergem.

Palavras-chave: Max Horkheimer. William James. Teoria Crítica. Pragmatismo.



O DESAPARECIMENTO DA AURA EM WALTER BENJAMIN

Quefren Arsênio Rodrigues-UFCA

Para formular uma crítica à arte moderna, Walter Benjamin aponta para a emancipação do critério de autenticidade da arte propriamente. O apogeu desse fenômeno coincide, segundo A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica, não mais com o empenho incansável, mediante artifícios técnicos, do fazer uma imitação da natureza. Neste trabalho, procuro tecer algumas considerações sobre o processo do desaparecimento da aura nas obras de arte, tal como é enfatizado no mencionado texto de Benjamin, como também em O autor como produtor e O que é teatro épico?, procurando mostrar a relevância da ação prática que as técnicas de reprodução consolidaram, que repercutiram no fato de que a fruição contemplativa e introspectiva das obras de arte tradicionais já não contribuem decisivamente para uma transformação no âmbito social, momento em que toda função social da arte se transforma. Em vez de fundar-se no ritual, ela passa a fundar-se na práxis política.

Palavras-chave: Arte moderna. Reprodutibilidade técnica. Aura.



MADAME SATÃ: UMA DIREÇÃO DE RESISTÊNCIA

Filipe Ramalheiro Venâncio de Souza-UFC

Juliana Fontes de Almeida-UFC

Myrella Raissa Caetano Linhares-UFC

A experiência tem uma face não comunicável. É a partir desta proposição que objetivamos expor e discorrer sobre o conceito de singularidade. Partindo da Arte como testemunho de um tempo, intentamos, a partir do filme “Madame Satã”, pontuar uma divergência entre as categorias “minorias” e “singular” e indicar uma destruição de polos estáveis e caricatos. O referido filme foi apresentado no Cine Freud, Cultura e Arte, Projeto vinculado ao Laboratório de Psicanálise da UFC. O filme trata de João Francisco dos Santos, posteriormente chamado de Madame Satã, que era conhecido por ser exímio capoeirista, valente e por enfrentar a polícia, ao mesmo tempo em que se afirmava como gay passivo e era veiculado nos jornais como negro violento. O filme indica o desmonte de figuras estáveis: o primeiro desmonte opera entre a figura do macho masculino e a figura oposta do gay passivo. Outro extremo é o da figura do malandro e do honesto, que comparecem a partir da transição, no Brasil, do trabalho escravo para o trabalho livre assalariado. KarimAinouz, diretor do filme, destrói esses polos, fazendo com que o campo do sentido seja desmanchado, e o que toma a cena são os traços singulares que nela são impressas pela direção. As figuras de que tratamos tendem a ser universais, de modo que a linguagem opera uma universalização da experiência pela via do sentido. A partir dos termos “malandro”, “gay passivo”, “macho valente”, “negro violento” agrupam-se muitas pessoas sob o mesmo nome. Isso opera uma igualdade interpretativa que destrói o singular. A técnica de direção de Karim desconstrói esses universais. Como conclusão, consideramos imprescindível o conceito de singularidade para elaborar uma análise da categoria de “minorias” a partir da operação de filmagem de KarimAinouz como testemunho da emergência da singularidade.

Palavras-chave: Cinema. Psicanálise. Singularidade. Identidade.



CARAVAGGIO E O CORTE NA CARNE DO TEMPO

Thaís Nunes Forte-UFC

Caravaggio (1571-1610) foi um pintor italiano tomado como um nome fundamental para o movimento barroco. Seus trabalhos são popularmente conhecidos pelo uso marcante da técnica do *chiaroscuro*, mas também pelas questões - sempre em atualização- que sua obra evoca, seja em relação às representações andróginas de seus modelos, seja nas evocações da vida polêmica do artista, que acabam servindo de uso para a leitura de sua obra. Neste trabalho, nos propomos a investigar as obras de Caravaggio a partir de dois aspectos que tem se perpetuado ao longo dos séculos como espaço de inquietação: as representações de seus modelos, com suas poses e feições que jogam com a ambiguidade entre o masculino e o feminino; e a presentificação da voz no quadro. Para isso, nos amparamos na tese de Graham L. Hammil ao tratar da queerização da forma que Caravaggio teria operado e da proposição da voz como objeto a, proposta por Jacques Lacan e retomada por Paul-Laurent Assoun para pensar a questão da invocação presente em obras como *O sacrifício de Isaac* (1603). Por fim, acreditamos que a operação realizada pelo artista, ao portar uma atualização que se apresenta na possibilidade de ser abarcada através de diversos tempos, opera junto ao conceito de 'anacronismo', como é articulado pelo filósofo da arte Georges Didi-Huberman, nos fornecendo subsídios para acompanhar os efeitos de irrupção que o trabalho de Caravaggio realiza nos mais diversos tempos históricos.

Palavras-chave: Caravaggio. Psicanálise. Temporalidade.



CINEMA E PSICANÁLISE: CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMPO E A MEMÓRIA

Myrella Raissa Caetano Linhares-UFC

Filipe Ramalheiro Venâncio de Souza-UFC

Juliana Fontes de Almeida-UFC

Rachel Martins Lemos-UFC

O presente trabalho investiga a relação entre os mecanismos presentes na montagem e os mecanismos em jogo na técnica da associação livre, com vistas a contribuir com o debate mais geral que, no contexto das relações entre cinema e psicanálise, se voltam para a memória e o tempo. Quanto à perspectiva do Cinema, trabalhamos com Andrei Tarkovski, privilegiando suas formulações sobre o tempo. Para o diretor, respeitar o tempo que está impresso materialmente em cada tomada é compromisso ético do artista com o seu material de trabalho. Quanto à Psicanálise, nos reportamos à problemática do tempo em sua relação com a técnica da associação livre e a noção de interpretação. Assim, a questão que se insurge é: quais os elementos comuns entre o cinema, a partir da perspectiva da montagem, e a psicanálise, a partir da técnica da associação livre? Destes elementos comuns, o que podemos depreender das contribuições que estes dois campos podem aportar para os estudos sobre o tempo e a memória? Em Freud, a lembrança que encobre um evento que, para o sujeito, tem forte valor afetivo e estatuto traumático, é denominada lembrança encobridora - uma espécie de cena cinematográfica, que é ficção e que tem como princípio fundamental a montagem, já que, através de uma operação complexa, seleciona e combina fragmentos do evento, buscando encobri-lo, mas, também, preservá-lo. Através das discussões suscitadas durante o projeto de extensão Cine Freud, Cultura e Arte, o trabalho irá relacionar aspectos teóricos estudados no âmbito dos grupos de estudo e aspectos destacados nos debates realizados a partir da exibição dos filmes.

Palavras-chave: Associação Livre. Montagem. Cinema. Psicanálise. Tempo.



MATA-SE UMA MULHER: A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA REGIÃO DO CARIRI

Macedônia Bezerra Felix-UNILEÃO

O observatório da Violência contra a mulher no Cariri registrou que em 2017 se matou 13% mais mulheres do que em 2016. O perfil de quem mata a mulher no Cariri é o companheiro, marido ou ex da mulher. Se há uma mínima diferença como posto por Kehl, parece que o homem do Cariri não suporta a diferença de um corpo de mulher por menor que seja. Neste viés, o que Freud apontava vem somar a esta análise quando este pontuou que o biológico em certa medida é determinante. Isto porque, no Cariri para este homem que mata não é qualquer corpo que serve ao alvo de seu gozo sem limites, um corpo de mulher ou com traços femininos se mostra aquele que vem de encontro a sua pulsão de morte. Na pulsão de tudo deter, o companheiro não suporta ser negado por essa mulher e somente destruindo esse corpo esse homem goza mais uma vez, ele, jamais outro, ou muito menos a mulher sem ele. O corpo da mulher é o real, como postulou Lacan, um real que este homem não suporta, é o intolerável que este não faz borda. O homem todo do Cariri em sua fantasia primitiva insiste em um retorno ao grande pai da horda que pode tudo sem limites. Em uma espécie de bovarismo este homem quer ser o homem que não é exigindo possuir a mulher que já o rejeitou. Não menos importante é a lógica do fantasma dessa mulher que repetiu a permanência nessa relação com este homem. Insistindo em abnegar de si, o fantasma dessa mulher põe um enigma em questão. Diante disto, esse trabalho propõe uma discussão sobre este lugar de homem e mulher refletindo sobre o sujeito que mata e sobre esta mulher que marca uma diferença de vida e de morte no Cariri.

Palavras-chave: Mulher. Feminicídio. Psicanálise. Corpo. Fantasma.



PSICANÁLISE E CINEMA: APROXIMAÇÕES DO CONCEITO DE FANTASIA E A REPRODUTIBILIDADE CINEMATOGRAFICA SOB A ÓTICA BENJAMINIANA

Bruno Raniery de Brito-UFCA

A presente comunicação tem como proposição a aproximação entre as novas relações trazidas pelo advento das produções cinematográficas e a concepção psicanalítica de fantasia inconsciente, com base na interpretação do filósofo Walter Benjamin, em seu escrito A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Através da leitura de Benjamin é possível estabelecer uma homologia entre o novo imaginário realizado no cinema e o da fantasia e das formações inconscientes do sujeito. Para Benjamin, o cinema traz a possibilidade de encenar, através de situações destacadas, certos elementos que estão ocultos ao sujeito, de forma que sem tal recurso técnico continuariam desconhecidos ou passariam despercebidos. Analogamente aos processos de produção do cinema, onde o resultado final depende de produções técnicas que possibilitem sua execução, a psicanálise apresenta o conceito de fantasia como uma encenação que tem por objetivo a realização de um desejo impossível de forma a satisfazê-lo conforme a realidade. Os estudos psicanalíticos ressaltam elementos da fantasia que, vistos sob uma ótica não psicanalítica, passariam despercebidos pelos sujeitos. A partir de tal aproximação, a pesquisa tem como finalidade apresentar as correspondências entre o inconsciente ótico e o inconsciente pulsional.

Palavras-chave: Psicanálise. Fantasia. Walter Benjamin.



A NORMA DO MACHO NA POLÍTICA BRASILEIRA

Macedônia Bezerra Felix-UNILEÃO

Atravessado por uma eleição controversa, o Brasil sentiu o golpe de um discurso de ódio. Essa fala ganhou eco e reforçou um candidato que se apresentou como norma de homem e modelo de macho ideal produzindo efeitos no país que carrega a ferida ainda aberta da escravidão e da ditadura. O macho que goza sem limites, se impõe como o todo fálico e faz uma promessa de salvação ao país que não suporta dividir seu espaço com o pobre e muito menos com uma mulher. A norma do macho não suporta o real do não-todo, sustenta uma farsa que não permite furo. O furo do pobre, o furo da mulher, nessa política do macho todo não tem lugar. Lacan vem lembrar que justamente o real no seu impossível de fazer sentido, todo fálico, confronta essa norma com seu fracasso certo. Neste sentido, a política pública social no Brasil é a memória constante do que falta, do feio no país, dos furos que a todo custo a história mostra uma tentativa política para tamponar. Nesse viés, a política no Brasil fantasiada do macho que normatiza e não tolera o furo que a mulher no poder representa, será analisada nesse trabalho que buscará apontar o corte nesse discurso que o sujeito quando convocado pode produzir refletindo que justamente no que lhe falta o Brasil pode se reinventar.

Palavras-chave: Norma do Macho. Política. Psicanálise. Gozo. Falta.



QUEM SERÁ SEU SENHOR?

Thamires Castro-UECE

O objetivo do trabalho é fazer uma análise profunda de um dos textos do escritor francês Guy Debord, o texto *Alltheking'sman* (1963). Trazendo, juntamente, uma união com a obra *O caráter destrutivo* de Walter Benjamin e outra obra de Debord, *A sociedade do espetáculo* (1967). Procuo analisar o poder que a linguagem pode exercer caso esteja sob o domínio dos detentores do poder, ou da classe que vive subjugada a esses detentores. A pesquisa contém trechos das obras mencionadas acima, a fim de esclarecer o que quero apresentar. Depois, viso ressaltar o que ambos podem realizar ao terem a linguagem sobre seu domínio, quais suas perspectivas. Logo após, unindo Debord e Benjamin, falo sobre o tempo para a poesia e seu significado na sociedade, para o Estado e para os sujeitos. Introduzo a concepção de ato, em um momento, do lado dos detentores do poder, em outro momento, na poesia. Por fim, exponho a urgência da destruição dos significados dados, explicitando ainda mais o texto *AlltheKing's man*.

Palavras-chave: Linguagem. Comunicação. Significado. Poder. Submissão.



UM CORPO FALADO: CONSIDERAÇÕES SOBRE CORPO E TRANSEXUALIDADE A PARTIR DA EXPERIÊNCIA CLÍNICA EM UM AMBULATÓRIO DE SEXUALIDADE HUMANA (ATASH)

Thiago Pedro Menezes-UFC

Este trabalho parte da experiência em estágio supervisionado no ATASH - Atendimento Ambulatorial em Sexualidade Humana - localizado no Hospital de Saúde Mental de Messejana e também do interesse no estudo sobre noções como transexualidade e corpo em psicanálise. Considerando que o hospital é um espaço predominantemente marcado pelo discurso médico, nos deparamos com a problemática da demanda do público do ambulatório, o que nos leva a pensar sobre a forma como a demanda é tratada num espaço ordenado por esse discurso. Nos propomos, nesse trabalho, problematizar alguns aspectos da experiência de estágio, na medida em que esta experiência nos leva a um constante (e radical) questionamento sobre nossa posição diante da demanda de transição pelas pessoas trans. Nesse contexto, é importante lembrar que o Atash não é o serviço específico voltado para o público trans, pois no HSMM ainda conta com o SERTRANS. O Atash recebe um público cujas queixas se situam no âmbito da sexualidade, o que também merece problematização, tendo em vista não ser fácil definir a sexualidade, que foi e é definida de muitas formas e de acordo com tradições de pensamento diferentes. O campo da saúde mental, que participa do campo mais vasto da saúde, encontra-se, por essa inclusão, atravessado pelos dilemas que envolvem as atuais classificações das doenças. As doenças mentais se inserem na nosografia das doenças e temos vivido os efeitos de uma classificação que se propõe atórica, mas que opera de modo a camuflar o pragmatismo ao qual se filia. Essa proposta de classificação que tem se afirmado de forma hegemônica encontra sua forma mais acabada no DSM IV. No âmbito dos problemas que tentamos levantar, indicamos aqui a relação entre o tratamento a ser dado à demanda do usuário dos serviços de saúde (especificamente os de saúde mental) e a exigência de que se ordene a partir da nosografia estabelecida pelo DSM IV, de modo que os termos disfunções sexuais, compulsões sexuais e parafilias, regem esta ordenação da demanda.

Palavras-chave: Transexualidade. Corpo. Psicanálise. DSM IV.



A PSICANÁLISE E A CRIANÇA

Maria Filomena Siqueira Torres-UECE

Quando as necessidades da criança são atendidas esta se põe em degraus sucessivos das experiências vitais de seu crescimento, irá no seio da família, progressivamente desprendendo-se de satisfação infantis e adquirindo formas adultas e amadurecidas de relacionamento com as pessoas superando gradativamente seu egoísmo elementar e tornando-se diferente podendo sentir-se melhor e útil à sociedade.

Palavras-chave: Psicanálise. Criança. Crescimento.



REMEMORAR PARA REDIMIR: A ATUALIDADE DE WALTER BENJAMIN NO TRANSFORMAR DO LUTO EM LUTA

Jerliete Maria do Nascimento-UFCA

Em sua segunda tese, Walter Benjamin introduz uma investigação acerca da relação entre o passado e o presente, acreditando haver na nossa geração o dever de reparar as injustiças sofridas pelas demais no passado. Desta redenção dependeria a felicidade daqueles que morreram, bem como a dos que ainda vivem, que só poderão descansar após se redimirem com o passado, continuando e vencendo as suas lutas. Daí a necessidade de nos voltarmos sempre ao passado, sobretudo porque ao fazer isso poderemos tomá-los como espelho e evitar que os erros cometidos por aqueles que perderam sejam novamente repetidos no presente. Ademais, garantiremos um novo contar da história, assegurando que suas lutas não tenham sido em vão. A luz desta assertiva, direcionarei esta análise ao ponto de encontro entre o passado e o presente, a fim de compreendermos como o voltar ao passado, um pouco mais adjacente, nos fortalece ao continuar das batalhas travadas por outras gerações. Importa-me aqui compreender a relevância no seguir das lutas, principalmente por acreditar ser a partir deste reconhecimento e ação que se encontra a possibilidade de redenção e mudança. Farei uso do trágico acontecimento do dia 14/03/2018, a saber, a morte de Marielle Franco, demonstrando como esta tragédia resultou no transformar do luto em luta, que por sinal, já haviam sido travadas por ela mesma. Tentarei demonstrar a atualidade de Walter Benjamin.

Palavras-chave: Rememorar. Redenção. Marielle Franco.



DISCURSO NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

Erick Johnson da Costa Vasconcelos-UECE

Esta pesquisa insere-se na Análise do Discurso Crítica (ADC), e tem o objetivo de propor a reelaboração de conceitos como discurso, sujeito, e ato social, a fim de propor uma vertente dessa disciplina que estude a produção e a disseminação de discursos tendo em vista as novas formas do capitalismo. Para isso, pretendemos articular a teoria crítica debordiana presente na obra *Sociedade do Espetáculo* (1967), a psicanálise Lacaniana, principalmente seu conceito de ato, e os pressupostos da linguística sistêmica funcional, de Halliday (1991). É importante ressaltar, além disso, a notória importância das reflexões de Hegel a respeito das reverberações da sociedade civil presentes no livro *Filosofia do Direito* (1820). A razão para uma vertente da ADC assentada nestas bases teóricas parte da concepção do capitalismo espetacular enquanto sistema que capturou a existência de tal modo que a experiência em sociedade, em grande medida, existe em função da manutenção da lógica do capital. Pensamos, assim, o Estado e a sociedade civil enquanto instituições que mantêm e são mantidas pelo capitalismo espetacular, relação dialética que parece se materializar através de reivindicações em relação ao Estado, à sociedade civil e ao capitalismo espetacular que os mantém funcionando, aparentemente melhorados. Nesse sentido, conceitos fulcrais para Análise do Discurso Crítica como discurso, sujeito e ato social serão reelaborados, no contexto da sociedade do espetáculo, para analisar a produção e a disseminação de discursos que mantêm a estrutura do Espetáculo através de ações que apenas parecem ser reivindicatórias, bem como refletir acerca da possibilidade da criação de uma linguagem, ou discurso, que possa aparecer como perigosa ao Espetáculo.

Palavras-chave: Discurso. Sociedade do Espetáculo. Ato psicanalítico.



PROSA COM LACAN: O GRANDE FREUDIANO E O INCONSCIENTE ARRETADO

Maria Tanízia Pereira Rocha-NASF
Amanda Grace Costa-URCA

Em tempos onde a cultura do neoliberalismo organiza-se entorno dos imperativos do Gozo, vemos surgir inúmeras terapêuticas que, na tentativa de corresponder a essa demanda, se permitem operar sob a lógica do imediatismo, não havendo dessa forma, espaço para o desejo e muito menos para o sujeito. No entanto, não é incomum nos depararmos com uma ou outra, utilizando-se ou fazendo referência a psicanálise como forma de se legitimarem. Diante disso, pretende-se abordar o percurso teórico do grande freudiano: Jaques Marie Lacan, em forma de cordel. Na perspectiva do inconsciente estruturado como linguagem, Lacan nos abre caminho para reinventar a psicanálise, seja na arte ou na instituição, dois campos intimamente ligados a história da psicanálise. Toda via, em seu retorno a Freud, na contramão da maioria dos dissidentes do mestre, Lacan faz presente alguns conceitos: sexualidade, inconsciente e morte, o que em meio a tantas técnicas propedêuticas torna-se uma premissa para todos os analistas, não perdendo assim a essência da Psicanálise, uma vez que tais conceitos são ignorados pela maioria dessas terapias. Dessa forma, em versos, aproximando psicanálise e regionalidade, apresenta-se o encontro da Psicanálise com a Teoria da Linguística de Saussure, trabalhando com o significante e significado e assim desenvolvendo a ideia do inconsciente estruturado como linguagem. Encontra-se aqui em forma de arte e de linguagem um caminho para expressar a essência da psicanálise e não permitir que o ouro puro da psicanálise se confunda com o cobre das psicoterapias do contemporâneo, como alertou Freud.

Palavras-chave: Lacan. Inconsciente. Linguagem.



A VEDETE DO ESPETÁCULO E O SEU PÚBLICO: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A ESTRUTURA DESTA RELAÇÃO NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

Victória Schindler Rodrigues da Silva-UECE

Neste artigo propõe-se investigar como se estabelece e se estrutura a relação entre a vedete do espetáculo (conceituada nas teses da obra *A Sociedade do Espetáculo* de Guy Debord) e os seu público, recorrendo a um diálogo com a psicanálise para trazer o conceito de Ideal do Eu de Sigmund Freud afim de entender o papel do inconsciente na relação entre os indivíduos e a vedete. Debord conceitua vedete como sendo uma figura de poder posta na sociedade que serve como modelo-padrão de como os indivíduos devem se comportar; é o agente do espetáculo posto como aquele ao qual se deve admirar, para isto é necessário uma estreita relação entre a vedete e a massa ao qual nela se espelha, disto surgem algumas questões que deram início a essa investigação: como se fundamenta a relação entre vedete e o seu público? Como ela permanece? Qual a importância da vedete para o espetáculo? Para tentar responder estas questões se torna fundamental haver um aporte teórico com ênfase na obra *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (pois nela Freud expõe como se fundamenta a relação entre líder e massa e também como os indivíduos entre si se unem em uma massa através de uma exposição psicanalítica sobre a relação libidinal entre as partes), *O capital* (livro 1) de Karl Marx, afim de compreender as relações econômicas que possibilitaram esse fenômeno surgir e qual a sua importância e lugar enquanto mercadoria ao qual ela se torna, além de uma breve exposição das teses sobre a vedete do espetáculo na obra *A Sociedade do Espetáculo* (tendo como método o hipotético dedutivo).

Palavras-chave: Vedete. Público. Espetáculo.



TOTENS E TABUS NA CONTEMPORANEIDADE

Ana Beatriz Soares Lima-UECE

A neurose obsessiva, analisada por Freud e Lacan pode ser observada por panoramas distintos. O drama edipiano e a negação do mesmo estão ligados à formação do neurótico, do homem moderno e como investiga Freud em sua obra “Totem e tabu” também do homem primitivo. Analisando que a adoração dos selvagens aos totens, que são tidos como sagrados e dispõem de formas físicas, o objeto humano da psicanálise constituído pela linguagem não é objetivável, ele está sempre atualizando a si mesmo o disfarce que o mesmo vem trazendo em sua fala, a negação aos desejos, podem ser suavizados, mas não extintos. Esses desejos podem conceber os tabus? O desejo do filho pela mãe, e a figura repressora do pai que o induz a negação pode vir a criar totens e tabus na contemporaneidade?

Palavras-chave: Neurose Obsessiva. Totem. Tabu.



O TRABALHADOR ENQUANTO MOI E SUA FUNÇÃO IMAGINÁRIA ESTRUTURANTE DO CAPITALISMO ESPETACULAR

Monaliza da Costa Rocha-UECE

Esta comunicação ambiciona analisar, no seio de uma pesquisa mais ampla sobre a noção de trabalhador enquanto moi – consciência – e sua função imaginária estruturante do capitalismo espetacular. Partindo da ideia moderna de individualidade, momento em que os indivíduos compreendem a si mesmo como indivíduos isolados e atomizados, pretendendo articular a noção de trabalhador no capitalismo espetacular com a função imaginária que estrutura e baliza as relações do indivíduo com a realidade, apresentada por Lacan em sua teoria do estádio do espelho. Será, assim, trabalhado o conceito de espetáculo e de proletarização do mundo apresentado por Guy Debord (1931-1994), em sua obra, *A Sociedade do Espetáculo* (1967) e a noção de imaginário apresentada por Jacques Lacan (1901- 1981), em seu texto, *O estádio do espelho como formador da função do Eu* (1949). Esse será o ponto de partida da problemática aqui considerada. Debord conceitua o espetáculo como a afirmação de que toda a vida humana se tornou, no capitalismo contemporâneo, produção de mercadoria e aparência. Ademais, o pensador levanta a tese de proletarização do mundo em que consiste na extensão da lógica do trabalho para a totalidade do tempo da vida. Lacan apresenta a formação da imagem corporal como uma função imaginária estruturante que estabelece uma relação do organismo com sua realidade. Para desenvolver a problemática apresentada será realizado um estudo minucioso da obra *A Sociedade do Espetáculo*, do pensador Guy Debord e do texto *O estádio do espelho como formador da função do Eu*, do psicanalista Jacques Lacan. Em síntese, a pesquisa pretende contribuir para pensar a teoria do espetáculo ao estabelecer a relação entre os seguintes autores e propor a interdisciplinaridade entre filosofia e psicanálise ao articular a noção de trabalhador no capitalismo espetacular com a noção de imaginário.

Palavras-chave: Debord. Lacan. Espetáculo. Proletarização. Imaginário.



“NO PRINCÍPIO ERA A AÇÃO”: TOTALIZAÇÃO E FALHA DE LACAN A MARX

Álvaro Lins-UECE

Este trabalho pretende apontar, na homologia lógica exposta por Jacques Lacan entre as noções de Mais-valia para a Crítica da Economia Política, em Marx, e de Mais-de-gozar para a teoria psicanalítica do próprio Lacan – como falhas na totalização dos discursos do mercado e da estrutura do gozo na sua relação com o desejo do sujeito, na clínica psicanalista, respectivamente –, a sua causa precária, ofuscadamente ausente, no ato como ação prática. A hipótese que aqui se pretende sustentar é, portanto, que é apenas do lugar da ação como causa precária que se pode vislumbrar toda concepção de totalidade possível como falhada. É somente a partir do ato como causa, portanto, que se expõe, como ferida, essa falha na tentativa de totalização formal do real. Mais-valia e Mais-de-gozar aparecem aqui, na sua homologia, por conseguinte, precariamente – porque se mostram justamente como o que sustenta contraditoriamente certa tentativa de totalização do real –, como expressões formais de um ato ou ação prática que se põe como causa ausente da formalização ou simbolização de certa totalidade pelo pensamento – ato ou ação que corresponde, respectivamente, aos proletarizados em luta e ao sujeito que, diante da e na aparelhagem do gozo, se sustenta como sujeito do desejo. Acredita-se assim poder contribuir, em certa parcela, no debate acerca da articulação entre teoria e prática no âmbito do discurso e da ação.

Palavras-chave: Totalização. Falha. Ato.



MIMESIS: ENTRE MORAL E POLÍTICA EM THEODOR ADORNO

Jose Ygor de Almeida Barros-UECE

Aqui pretendemos realizar uma análise acerca do conceito de mimesis e suas reverberações quanto a moral e a política em Adorno. Através de um preâmbulo entre duas obras: *Dialética do Esclarecimento* (escrita com o também filósofo Max Horkheimer, publicada no de 1944 e republicada com o acréscimo do último capítulo “Elementos do antissemitismo” em 1947) e *Minima Moralia* (1951), buscaremos nestas obras sua apresentação especialmente na filosofia de Theodor Adorno. A análise que irá necessitar que visitemos alguns outros conceitos chave no pensamento do nosso autor para melhor entendimento acerca do assunto percorrerá entre estes até conseguirmos construir de forma clara e objetiva o conceito de mimesis e então passaremos a suas influências e consequências na moral e na política, que, não obstante se extrapolam à estética, que aqui não será nosso foco.

Palavras-chave: Mimesis. Moral. Política.



“O ESTILO DA NEGAÇÃO”, POESIA E REVOLUÇÃO: DE UM LAÇO QUE NÃO FOSSE ESTADO. (OU AINDA: DEBORD COM LACAN)

Ilana Amaral-UECE

A presente proposta de trabalho parte de uma questão: teria a teoria psicanalítica, em particular aquela desenvolvida pela via do retorno lacaniano a Freud, algo a nos dizer acerca das instâncias do laço que nos pudesse fazer vislumbrá-los num quadro distinto daquele apontado por Freud em Psicologia de massas e análise do Eu como fundados na identificação, cuja expressão típica são as instituições, exército e igreja? Não se trata, em absoluto, de impugnar o ponto de vista freudiano, que ali aponta com precisão as formas hegemônicas do laço social. Trata-se, antes, de interpelar sobre as reverberações e desdobramentos da prática e da teoria psicanalítica no curso dos anos que separam a reflexão freudiana daquela de Lacan, curso inseparável precisamente do vínculo, sempre retomado por Lacan como sendo o do próprio Freud, com a sustentação do inconsciente e do desejo. A questão, partindo da longa trajetória experimentada pelo movimento psicanalítico e do lugar nela apresentado pelas posições de Lacan, consiste em interpelar, pontuando como partida a excomunhão de Lacan da IPA como exclusão de uma Instituição (herdeira formal de Freud) as propostas e experimentações que daí seguem, como um aprofundamento, também no que se refere aos laços entre analistas, de algo que caracterizara, desde o início, a proposição lacaniana de um retorno a Freud: a retomada da letra freudiana em oposição às apropriações imaginarizante-adaptativas realizadas pelos pós-freudianos, apresentada por Lacan ao longo de seu ensino. Nisso, precisamente, sua transmissão se distancia daquela fundada na adaptação aos laços vigentes para sustentar a emergência do sujeito do inconsciente e do desejo em sua dissidência com respeito aos limites identificatórios hegemônicos no campo da cultura. Com essa interrogação acerca da escola de Lacan e sua relação com a transmissão posta em bases inteiramente distintas da fixidez formal-instituída da IPA – interrogação aqui modulada pela leitura de Weil (1998) em torno da distinção de uma transmissão fundada no recalque (Freud) e uma fundada na pulsão (Lacan), distinção que marca o espaço de insistência do próprio Weil nessa orientação para uma transmissão pela via da pulsão, que marca sua “Insistituição”, em sua diferença com uma instituição – trata-se de apresentar as bases para formular o problema contido no título: De um laço que não fosse Estado, a partir da noção lacaniana de estilo como aquela que diz da posição de sujeito em sua singularidade como condição do “um a um” do laço entre analistas, para interpelar a relação desse um a um (que é un a un, para aqui lembrar o seminário 11), com o laço social concebido mais amplamente. O problema, que consiste em uma interrogação acerca dos desdobramentos possíveis no âmbito do laço social de uma posição de sujeito cujo centro é a sustentação de uma relação fundada não na identificação e no recalque, mas na pulsão e nesse ‘um a um’, que ancora o laço entre analistas e a noção de estilo no engajamento do sujeito em seu desejo e na singularidade da enunciação, desdobramentos que, se em primeiro plano dizem respeito à teoria da prática psicanalítica e, em seu interior, de experimentações distintas do laço entre analistas tem, entretanto, um alcance que vai além do laço entre analistas na medida em que pode ser articulada a outras experimentações do laço fundadas no “um a um”, experimentações que nos permitem-exigem levar a sério a interrogação do que Lacan, no seminário XV, dizia



quanto ao ato analítico ter “consequências”. Elas são inseparáveis do que ele aí situa, ao pensar o ato em sua amplitude, de seu estatuto propriamente histórico. Afinal, essa é a questão, a negatividade do sujeito do inconsciente em sua aparição e na sustentação da singularidade, o que ela comporta de consequência para as experimentações do laço enquanto ele é uma emergência da história, do histórico? Quando o desejo do sujeito, como quebra das instâncias identificatórias aparece num espaço que já não se permite nomear “nem como público, nem como privado”, que espaço e que linguagem “comum” são aí experimentadas? Partindo dessas questões, como ler experimentações do laço fundadas na negatividade – que serão tomadas, sobretudo, tal como foram recolhidas na “Teoria Crítica do espetáculo” de Guy Debord, em sua associação à negatividade dos sujeitos em luta contra o espetáculo, negatividade assentada necessariamente em laços antirepresentativos e anti-identificatórios. Se para Debord “onde há o isso econômico, o sujeito deve advir”, tal advento, apresentado como o advento mesmo da história – se vincula às experiências insurrecionais do final do século XIX e do século XX, em cujo centro Debord encontra uma “experimentação histórica da linguagem”. A linguagem das insurreições, a poesia, derrotada sucessivas vezes pela derrota mesma das insurreições, pela institucionalização em formas fixas e separadas, em novas formas estatais, que nisso as derrotaram naquilo que era a sua verdade fundamental: a quebra da fixidez das formas (mercadoria, Estado, linguagem), enquanto eram a reinvenção da vida e da linguagem pela liberação a um uso histórico, experimento que foi justamente recolhido nas poesias dadaísta e surrealista que Debord retoma, num momento da derrota de tais experimentações poéticas, na sua própria teoria crítica do espetáculo, para dizê-la como uma “negação do estilo que é o estilo da negação”. O nexos entre “estilo da negação”, poesia e revolução, que em Debord aponta, nas experiências insurrecionais e nas revoluções antes de sua derrota, formas do laço (conselhos, assembléias selvagens) que não são Estado, aponta nisso precisamente experiências do laço fundadas no “um a um” antes que na “multidão” ou no “grupo”, como condição da poesia da revolução, como condição de “insistituição” nesse laço precário ali onde o sujeito, a poesia e a história estão sempre em perigo.

